

# Um passeio pelo reino da URV

06 MAR 1994



**O Estado brasileiro, desde a década dos 50, se viciou na inflação**

De onde vem a URV, essa espécie de moderna vara de condão que, hoje, fascina e ataranta os brasileiros? Faz dez anos, o economista Edmar Bacha, agora segundo do ministro Fernando Henrique, publicava nos jornais um curioso artigo. Falava ele de um país chamado Lisarb, onde as coisas aconteciam de trás para a frente.

Nesse país de fábula (o nosso), não era o déficit público que produzia a inflação, mas, ao contrário, a inflação é que produzia o déficit, por meio da correção monetária. Eliminada a correção (que incidia sobre a monumental dívida pública lisarbiana), o déficit, já naquela época, seria igual a zero. Concluía o Bacha advertindo que a economia, especialmente num país como o nosso, pode ser uma ciência muito complicada.

Naquelas mesmas semanas do artigo bachiano, dois brilhantes colegas e contrários do autor (Lara Resende e Simonsen) haviam descoberto outra inesperada saída para as desventuras de Lisarb. Em vez de tentar frear e voltar atrás, o que a nação devia fazer era, ao contrário, seguir em frente pelos caminhos (ou atalhos) que seu próprio gênio havia criado.

A correção corrigia quase tudo. Faltava o quê? Faltava a própria moeda nacional, o desmoralizado cruzeiro. Por que, então, não eliminar de uma vez o cruzeiro e fazer da própria inflação, do próprio índice de inflação matematicamente calculado, a nova moeda lisarbiana? Tudo estaria, assim, automática e perfeitissimamente indexado, corrigido, todos os dias e todas as semanas, de acordo com os valores que as autoridades monetárias fariam publicar na *Hora do Brasil* e nas seções competentes dos grandes jornais da terra.

A engenhosa providência proposta pelos dois economistas (Lara Re-

sende ganhou notoriedade com ela; Simonsen já vinha de mais longe), além de resolver o crucial problema da desvalorização da moeda, faria de Lisarb o primeiro país do mundo a dispor de uma moeda flutuante, capaz de boiar na inflação e inchar com ela, em vez de murchar vergonhosamente, como costumam fazer as moedas comuns atacadas pelo insidioso mal inflacionário. Mais uma vez, o mundo se curvava diante do gênio pá-

trio, tantas vezes comprovado em tantos outros esportes diversos.

A URV, pois, tem dez anos. Ela é a aplicação prática dessas idéias antigas. Antes de pô-la no mundo, entretanto, o ministro Fernando Henrique, homem persistente e hábil como poucos, esperou ainda nove meses, o prazo inteiro de uma gestação, a fim de permitir o adequado amadurecimento do embrião no útero governamental, e garantir-lhe condições mínimas ambientes de sobrevivência depois do parto.

Basicamente, a URV é o índice médio, oficialmente estabelecido, da inflação corrente. Ela não apenas traz embutida em si a inflação: ela "monetiza" a inflação — e por isso os preços em URV não podem ou devem subir, posto que já contém a inflação, isto é, a subida dos preços correntes. O dólar entra na história apenas para atrapalhar, ou melhor, para reforçar. A URV manterá paridade relativa com o dólar simplesmente porque o dólar (em cruzeiros) também flutua com a inflação e acompanha os mesmos índices que vão servir de base à URV.

Para que serve, então, a nova varinha de condão? É de esperar que ela dê ao governo mais controle sobre o andar da carruagem, isto é, não só sobre o próprio índice, mas sobre os preços, especialmente os dos oligopólios e monopólios e os do próprio governo, que poderão ser mais facilmente, digamos, moni-

torados ou disciplinados.

Antes de lançar o seu barquinho de papel na enxurrada, o ministro Fernando Henrique já havia cuidado de enxugar ou conter algumas das principais fontes da desordem financeira: o déficit orçamentário, as dívidas públicas interna e externa e o monumental desperdício dos recursos do Tesouro. Deve-se reconhecer que, nesse terreno, ele foi muito ajudado pelas grandes campanhas moralizadoras do impeachment e da máfia do Congresso. É fundamental, pois, para o governo, que a fiscalização dos jornais e da opinião pública não arrefeça — e se o ministro não insiste (ou se omite) nesse ponto essencial é porque acha melhor não se indispor pessoalmente com os seus colegas parlamentares.

Muitos buracos foram (ou estão sendo), pois, arrolhados, graças aos esforços de Fernando Henrique e à pressão da imprensa, o que aplana o caminho da URV. Mas o deputado Delfim Netto tem muita razão no seu moderado otimismo atual. Rombos ainda enormes persistem — nas estatais, na situação da Previdência, nos fundos de pensão, nos privilégios corporativos, no patrimonialismo compulsivo e endêmico dos nossos ditos homens públicos — e em todos esses casos, que em boa parte dependem da revisão

constitucional, o governo e a própria opinião pública parecem ainda hesitantes ou divididos.

Para que a varinha de condão da URV faça efeito, para que o real venha a ser uma moeda estável e realmente confiável, é preciso ir adiante e tapar esses ralos todos. De outro modo, ainda que os atuais esforços do ministro façam a inflação cair drasticamente de patamar (o que já será alguma coisa), continuaremos em verdade na mesma. Volta o peso de agora e a moeda indexada inventada há dez anos pelos nossos referidos heróis, acabará sendo apenas mais uma descabelada aventura lisarbiana. Mais uma.

A inflação é uma doença suja. Um vício feio. Mais de uma vez me ocorreu compará-la à droga, ao costume compulsivo de crack ou de anfetaminas. O Estado brasileiro, as elites governantes brasileiras, desde a distante década dos 50, se viciaram na inflação. Descobriram esse recurso vulgar dos comerciantes desonestos, que consiste em adicionar água e urina ao leite que vendem ao povo, e passaram a fazer isso com o dinheiro que fabricavam e que as pessoas usam para pagar salários e o resto. Veio depois, há cerca de 30 anos, a correção monetária que sofisticou consideravelmente as coisas e permitiu à ladroagem alcançar limites antes não sonhados.

Uma doença ou um vício como o que adquirimos se cura com caráter, disciplina, força de vontade. Ou, nos casos mais graves, com internação, camisa-de-força, tratamento compulsório.

O Plano FHC é mais uma tentativa (a última?) de curar a inflação à brasileira, isto é, por bem e sem dor; sem que seja preciso muito caráter nem grande força de vontade; tudo o que se pede é um mínimo de disciplina. Esperemos que dê certo, mas o mais provável é que mesmo esse mínimo venha a faltar, até porque nossos governantes e nossas elites não resistem: é só as coisas melhorarem um pouco que eles metem a mão de novo com mais gana ainda. Haja URV.

